



O PARQUE URBANO NO CONTEXTO DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE DE CAMPO MOURÃO (PR), BRASIL

THE URBAN PARK IN THE CONTEXT OF THE ORGANIZATION SPACE OF THE CITY OF CAMPO MOURÃO (PR), BRAZIL

Marcos Clair Bovo

Professor Adjunto Doutor do Departamento de Geografia da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM.

Membro do Grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM-GEURF.

Avenida Comendador Norberto Marcondes, 733, Centro, CEP: 87303-100 - Campo Mourão, PR – Brasil.

E-mail: mcbovo@yahoo.com

Denner Conrado

Graduado em Geografia pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM. Membro do Grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM-GEURF.

Avenida Comendador Norberto Marcondes, 733, Centro, CEP: 87303-100 - Campo Mourão, PR – Brasil.

E-mail: denner_axl@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a organização espacial da paisagem urbana de Campo Mourão (PR), mais precisamente o local onde está situado o Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira. Desde sua criação os parques urbanos vêm experimentando substanciais transformações, principalmente no que diz respeito às suas funções. Neste contexto, acrescentamos ainda o papel “legitimador” que o parque urbano possui conforme a organização do espaço urbano. Nesta investigação adotamos o método geográfico proposto por Milton Santos (2008), de forma, função, estrutura e processo como categorias de análise do espaço geográfico.

Palavras-chave: Organização espacial; Áreas verdes urbanas; Campo Mourão.

Abstract: This paper aims at undertaking an analysis of the spatial organization of the urban landscape in Campo Mourão (PR), more precisely the region where the Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira is located. Since their creation, urban parks have been substantially changing, especially as regards to their functions. In this context, we add the "legitimizing" role the urban park features depending on the organization of the urban space. In this investigation, we adopt the geographic method proposed by Milton Santos (2008), about form, function, structure and process as categories of analysis of geographical space.

Keywords: Spatial organization; urban green areas; Campo Mourão.

INTRODUÇÃO

Para podermos analisar e compreender a evolução do espaço geográfico, especialmente a evolução do parque urbano, no contexto da organização espacial das cidades, neste caso específico, Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira na cidade de Campo Mourão (PR), torna-se fundamental conhecermos a história desse espaço, bem como as transformações pelas quais ele passou ao longo dos anos.

Santos (2008) busca entender as transformações no espaço geográfico através das categorias forma, função, estrutura e processo, porque, quando analisadas em conjunto, constroem a base teórica e metodológica para discutir os fenômenos espaciais em sua totalidade. Ainda Santos (2008, p. 68) entende que “a compreensão da organização espacial, bem como sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estruturas e funções através do tempo”.

É neste sentido que o presente artigo tem como ponto central a análise do método geográfico proposto por Santos (2008), forma, função, estrutura e processo para a elucidação das transformações que ocorreram e ocorrem no espaço geográfico, pois

[...] quando se estuda a organização espacial esses conceitos são necessários para explicar como o espaço social está estruturado, como os homens organizam sua sociedade no espaço e como a concepção e o uso que o homem faz do espaço sofrem mudanças. A acumulação do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial (SANTOS, 2008, p. 72).

De acordo com Santos (2008), a forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se também ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão, por exemplo, uma fábrica, uma favela, ou, no nosso caso, o Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira. Cada forma detém uma configuração espacial. Na maioria das vezes a forma permanece após ser criada e usada para desempenhar o papel para qual foi produzida. Poderá, no decorrer do tempo, assumir papéis diferentes de acordo com o momento histórico. A função é caracterizada como a atividade essencial de qualquer forma espacial, ou seja, é a tarefa ou atividade esperada de uma forma, por exemplo, o habitar, o lazer, o trabalho - no nosso caso, os parques, a ecológica, o lazer e a estética. A relação existente entre as duas é direta, as funções estão materializadas nas formas e estas últimas são criadas a partir de uma ou de várias funções.

Segundo Santos (2008), nem forma nem a função podem estar dissociadas de outro elemento que compõe a organização do espaço, a estrutura, a qual é a inter-relação das diversas partes que compõem o social. Neste sentido, é fundamental a compreensão de cada período histórico para que se entendam as transformações ou a inércia das formas. Por outro lado, é essa estrutura socioeconômica que acaba estabelecendo os valores dos diversos objetos geográficos num dado momento histórico. A estrutura atribui valores e funções determinadas às formas do espaço.

Ainda de acordo com Santos (2008), o processo é a ação contínua que se desenvolve com a história, envolvendo conceitos de tempo, continuidade e mudança. O tempo é considerado como o processo que indica o movimento do passado ao presente e deste ao futuro, tornando-se uma propriedade da forma, função e estrutura.

Conforme o método proposto por Milton Santos para a explanação da organização espacial, os elementos forma, função, estrutura e processo devem obrigatoriamente ser analisados de forma conjunta e jamais podem ser dissociados, pois, quando analisamos somente a categoria forma juntamente com a categoria estrutura perdemos a história da totalidade social, ao passo que, se buscarmos empreender uma análise em torno das categorias estrutura e função, o elemento passado e o presente são eliminados, e se combinarmos a forma com sua respectiva função, estaremos caracterizando uma sociedade estática. Todos estes modelos se demonstram inócuos para nos revelar a organização espacial em sua totalidade, enfim, o método proposto deve render análises em conjunto.

Consoante o estudo da organização espacial, no tocante às áreas verdes urbanas (parques urbanos) acreditamos que estes espaços públicos assumem no contexto das cidades funções importantes no que diz respeito às transformações urbanas que eles provocam.

Neste sentido, é importante retomarmos alguns dos principais conceitos e as questões essenciais que envolvem o estudo das áreas verdes urbanas, enfim, os parques urbanos. Apresentamos então o conceito de área verde elaborado por Lima et al. (1994), Cavalheiro (1992) e também já utilizado por Nucci (2001). Esses autores conceituam áreas verdes como

[...] espaços livres de construção onde o elemento fundamental da composição da vegetação juntamente com o solo permeável, deve ocupar no mínimo 70% da área. Inclui as praças, os jardins públicos e os parques urbanos. Os canteiros centrais das avenidas, os trevos e rotatórias permeáveis de vias públicas e áreas que exercem funções estéticas e ecológicas, são conceituados como área verde (LIMA et al, p. 108).

Nesta pesquisa estudamos o parque como área verde urbana, ou seja, enquanto um elemento integrante do sistema das áreas verdes urbanas. Carneiro e Mesquita (2000, p. 20) definem parque urbano como um espaço livre público com função predominante de recreação, que ocupe na malha urbana uma área em grau de equivalência superior a uma quadra típica urbana, em geral apresentando componentes da paisagem natural, vegetação, topografia, elemento aquático, como também edificações destinadas a atividades recreativas, culturais e/ou administrativas.

Considerando alguns pressupostos históricos, constatamos que os parques urbanos surgiram na Inglaterra, juntamente com a Revolução Industrial, processo desencadeado naquele país no século XVIII, entretanto,

[...] o parque urbano tem seu pleno desenvolvimento no século seguinte, com ênfase maior na reformulação de Haussmann em Paris, e o Movimento dos Parques Americanos - o Park Movement liderado por Frederick Law Olmsted¹ e seus trabalhos em New York, Chicago e Boston (SCALISE, 2002, p. 02).

Naquele contexto, os parques urbanos tinham como função primordial a recreação e o lazer, pois a estrutura urbana, que crescia rapidamente, clamava por espaços que atenuassem os problemas urbanos, funcionando como verdadeiros “pulmões verdes” para o contexto da cidade.

As grandes transformações e influências que os parques urbanos sofreram no século XX se devem ao movimento conservacionista “Park Movement”, aos grandes projetos do século passado e à atuação de Olmsted, que:

[...] defendia a utilização econômica dos espaços livres, criando oportunidades de recreação e também de preservar os recursos naturais, controle de enchentes, proteger os mananciais, criando espaços agradáveis para passear e morar. Esses trabalhos, além de inspirar a criação de inúmeros parques e da cidade-jardim de Howard, mudou (sic) o conceito de qualidade ambiental urbana (SCALISE, 2002, p. 02).

Os primeiros parques urbanos brasileiros são bem diferentes dos europeus, pois, não surgem da urgência social de atender às necessidades das massas urbanas das cidades do século XIX, visto que o Brasil, nesse período, não possuía uma rede

¹ Frederick Law Olmsted nasceu em Hatford, Connecticut, em 1822. Olmsted, tornou-se o Superintendente do Central Park de Nova York. Ele serviu como administrador e arquiteto-chefe da construção do Central Park. Além de projetar para a vida urbana, Olmsted estava ansioso para preservar áreas de beleza natural para usufruto público futuro. Informações adaptadas do site: <http://www.fredericklawolmsted.com/> Acesso: 25 jan. 2011.

urbana expressiva e as cidades brasileiras não tinham o porte das cidades europeias. No Brasil, os parques foram criados como figura complementar ao cenário das elites emergentes, que controlavam a Nação e procuravam construir uma configuração urbana semelhante aos modelos ingleses e franceses. A função a que se destinavam esses primeiros parques nas emergentes cidades urbano-industriais europeias era o lazer e recreação, sendo que:

[...] a princípio, as ideias de parque na Inglaterra estavam ligadas ao modelo de jardins, com influências de culturas e artes orientais modelados e planejados paisagisticamente de acordo com a disposição dos elementos naturais preexistentes (MELAZO e COLESANTI, 2003, p. 05).

No Brasil a história dos parques urbanos se inicia no Rio de Janeiro, principalmente com a fundação do Jardim Botânico em 1808, pelo então Príncipe Regente Dom João. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro, criado pela família real portuguesa, foi transformado, ao longo do século XIX, em um parque público, mantendo as características dos jardins ingleses. Segundo Macedo e Sakata (2003, p. 54), “O Jardim Botânico do Rio de Janeiro é um exemplo típico de fusão das duas vertentes projetuais”, ou seja, o lugar do passeio, do “ver e ser visto”. Neste local a aristocracia passeava trajando a última moda francesa. Estes jardins eram espaços públicos quanto à sua localização, mas espaços reservados quanto ao seu uso. Apenas as pessoas com vestes apropriadas podiam circular entre as palmeiras imperiais e a vegetação nativa brasileira, pois, a maioria da população não tinha acesso a esses espaços.

Para Macedo e Sakata (2003, p. 14), parque urbano é “todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno”. Neste caso, além dos tipos de uso, funções e morfologia, deve-se incluir a obrigatoriedade da presença da vegetação arbórea, pois a massa vegetal e seus efeitos positivos no ambiente urbano é que fazem diferença entre o parque e outras áreas verdes.

Para Melazo e Colesanti (2003), os parques urbanos

[...] representam na dinâmica das cidades, um “espaço verde” fundamental no contexto de crescimento e desenvolvimento econômico e urbano, pois, através deles, proporcionam para a comunidade dos

bairros que os circundam como também para toda a cidade, um espaço destinado ao lazer, ao contato com a natureza, onde o homem se encontra totalmente inserido (MELAZO e COLESANTI, 2003, p.06).

Diversos autores têm dado ênfase aos benefícios da vegetação urbana. Loboda e De Angelis (2005), Nucci (2001), Melazo e Colesanti (2003), entre tantos outros, demonstram em seus trabalhos os inúmeros benefícios das áreas verdes no contexto das cidades, tendo em vista que a qualidade da vida urbana está intimamente relacionada à questão ambiental. Neste caso as áreas verdes urbanas públicas constituem-se em um elemento imprescindível para o bem-estar da população:

As áreas verdes urbanas são de extrema importância para a qualidade da vida urbana. Elas agem simultaneamente sobre o lado físico e mental do homem, absorvendo ruídos, atenuando o calor do sol; no plano psicológico, atenua o sentimento de opressão do homem com relação às grandes edificações; constitui-se em eficaz filtro das partículas sólidas em suspensão no ar, contribui para a formação e o aprimoramento do senso estético, entre tantos outros benefícios (LOBODA e DE ANGELIS, 2005, p. 134).

Enfim, são inúmeros os benefícios proporcionados à cidade pelas áreas verdes, principalmente os parques urbanos. Tais benefícios se constituem tanto no sentido de proporcionar qualidade de vida às pessoas quanto funcionam como espaços “legitimadores” dos agentes urbanos. Enfim, o parque urbano em nosso caso, se situa muito bem neste contexto incerto. O quadro 1 sintetiza a influência positiva da vegetação sobre a dinâmica das cidades.

COMPOSIÇÃO ATMOSFÉRICA	<ul style="list-style-type: none">-Ação purificadora por fixação de poeiras e materiais residuais;-Ação purificadora por depuração bacteriana e de outros micro-organismos;-Ação purificadora por reciclagem de gases através de mecanismos fotossintéticos;-Ação purificadora por fixação de gases tóxicos.
EQUILÍBRIO ENTRE SOLO, CLIMA E VEGETAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">-Luminosidade e temperatura (a vegetação ao filtrar a radiação solar, suaviza as temperaturas extremas);-Umidade e temperatura (a vegetação contribui para conservar a umidade do solo, atenuando sua temperatura);-Redução na velocidade do vento;-Manutenção das propriedades do solo de permeabilidade e fertilidade;-Oferta de abrigo à fauna existente;-Influência sobre o balanço hídrico.

NÍVEIS DE RUÍDO	-Amortecimento dos ruídos de fundo sonoro contínuo e descontínuo de caráter estridente, ocorrentes nas grandes cidades.
ESTÉTICO	-Quebra da monotonia da paisagem das cidades, causada pelos grandes complexos de edificações; -Valorização visual e ornamental do espaço urbano; -Caracterização e sinalização de espaços, constituindo-se em um elemento de interação entre as atividades humanas e o meio ambiente.

Quadro 01 - Funções da vegetação no contexto das cidades

Fonte: Guzzo (1998, p. 07).

Org. Conrado, Denner (2010).

Além da importância da existência, manutenção de áreas urbanas públicas e dos benefícios que elas proporcionam à cidade cabe-nos refletir acerca das transformações destes espaços ao longo da história consoante à dinâmica das relações sociais e sua influência sobre o espaço geográfico urbano como um todo, visto que a produção do espaço é resultado dos fatos do passado e do presente. O parque urbano tem sido moldado ao longo do tempo pela ação do homem, criando e recriando espaços com múltiplas funções e usos.

Santos (2008) entende que

[...] o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Consequentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender a sua relação com a sociedade, pois é esta que dita à compreensão dos efeitos dos **processos (tempo e mudança) e específica as noções de forma, função e estrutura**, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção do espaço (SANTOS, 2008, p. 67 - grifo nosso).

Entendemos que não é tão fácil fazer esta interpretação dialética proposta por Santos, que visa a compreender as mudanças ocorridas no espaço geográfico (ênfatisando principalmente as questões urbanas e sociais) e buscar os elementos fundamentais para a construção de tal análise.

Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi definida a cidade de Campo Mourão/PR, notadamente o Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira (Figura 1). O município de Campo Mourão situa-se na Região Centro-Oeste do Estado do

Paraná, distante aproximadamente 500 km da capital, nas coordenadas geográficas 24° 02' 38" de Latitude sul e 52° 22' 40" de Longitude oeste, abrangendo uma área de 757,11 km². Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2009, Campo Mourão possui uma população de 85.896 habitantes. Limita-se com os municípios de Peabiru, Mamborê, Corumbataí do Sul, Luiziana e Araruna.

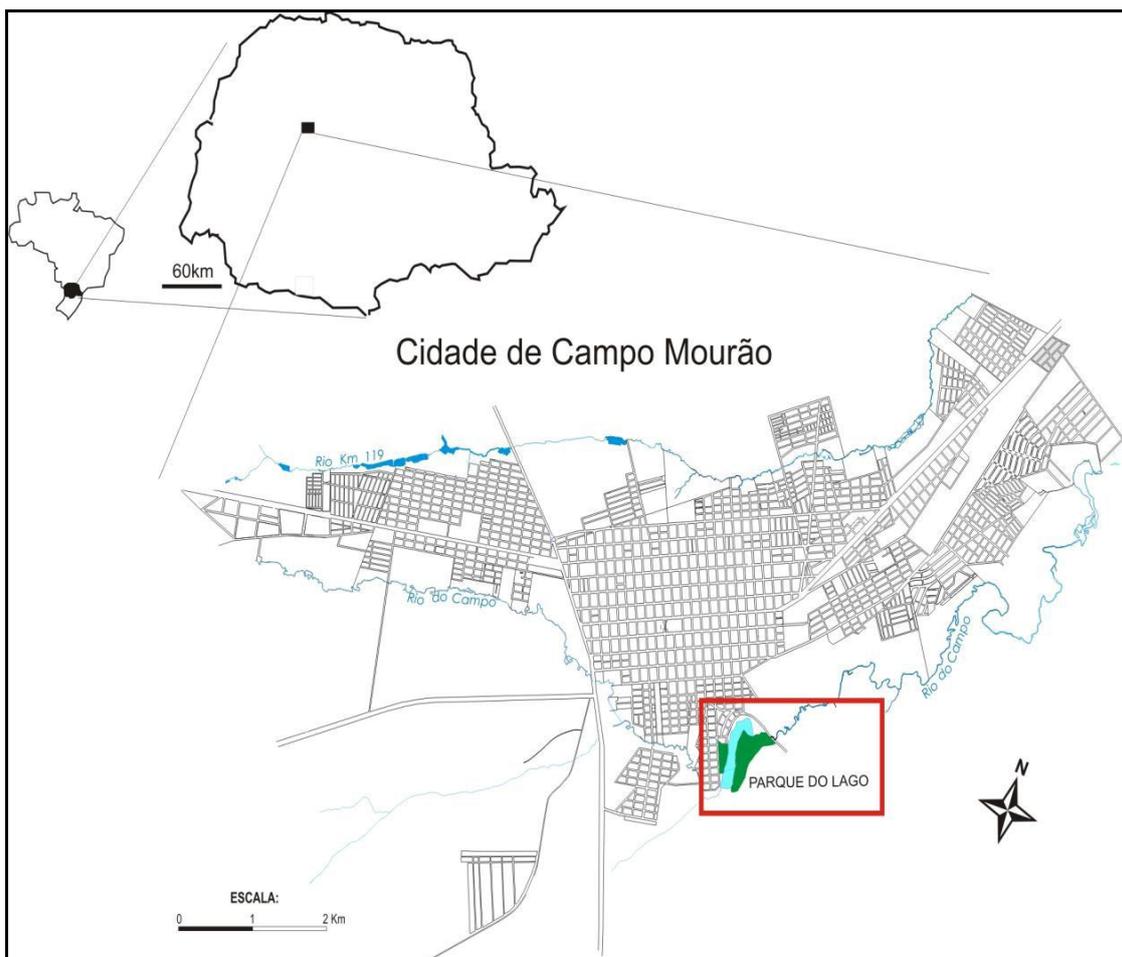


Figura 1: Localização do Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira.

Fonte: PAROLIN e PAROLIN, 2011.

O Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira localiza-se na região periférica da cidade de Campo Mourão (Figura 2), muito próximo também da área central, entre a Rua das Andorinhas e a Rua Santa Catarina, no Jardim Gutierrez. O parque situa-se nas coordenadas geográficas 24° 03' 12" de Latitude Sul e 52° 21' 75" de longitude oeste com altitude de 528 metros, e abrange uma área de 262.187,55 m².

As questões teóricas e metodológicas descritas a seguir foram essenciais para a realização da presente pesquisa. A pesquisa tem como objeto de investigação o Parque Joaquim Teodoro de Oliveira, a partir das quatro categorias do método geográfico proposto por Santos (2008) forma, função, estrutura e processo, já explicitados anteriormente.



Figura 2: Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira
Fonte: Acervo Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira (2011).

Adotamos os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica referente às áreas verdes urbanas, com o objetivo de buscar fundamentação teórica para a sustentação da elaboração da presente pesquisa; visita ao Museu Deolindo Mendes Pereira, para realizar um levantamento de informações sobre o histórico da cidade de Campo Mourão e pesquisa de campo no Parque Joaquim Teodoro de Oliveira.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde sua emancipação político-administrativa, datada de 10 de outubro de 1947, a cidade de Campo Mourão/PR se desenvolveu devido ao esforço de um grupo de pessoas que acreditaram ser possível à implantação de uma cidade num espaço que outrora era coberto por campos verdejantes de mata nativa. Nessa época o Paraná não dispunha de uma malha urbana expressiva, porém a partir de 1970 verificou-se um desenvolvimento intenso no contexto urbano.

À medida que a cidade crescia demograficamente surgia à necessidade de oportunizar a criação de espaços públicos para fins recreativos para o uso do público em geral. No caso da cidade de Campo Mourão, os primeiros habitantes se divertiam da maneira como podiam. Nesse primeiro instante os moradores da cidade

[...] reuniam-se numa determinada casa e ali rezavam primeiramente o terço; logo após faziam a chamada mesada dos anjos, uma festa realizada todos os anos no dia 13 de junho, dia de Santo Antonio, quando se reuniam crianças, principalmente carentes e lhes era oferecido um farto almoço, com carnes e balas. Sempre terminava em baile (SIMIONATO, 2008, p. 229).

Em fins da década de 1940 e início da de 1950 os homens da cidade saíam para caçadas, pescarias e também se divertiam com as apostas realizadas na raia dos porungos – uma raia de apostas de corridas de cavalos (Figura 3).



Figura 3: Raia dos Porungos - antiga Praça do Bosque em 1947

Fonte: Acervo – Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira (2011).

A denominada “Raia dos Porungos” acreditamos ter sido uma das primeiras áreas recreativas de usufruto de vários cidadãos da cidade. “O nome porungo deve-se à prática dos seus frequentadores de utilizar um tipo de cabaça para carregar água. (...) Nessas apostas o vitorioso sempre levava maços de rapadura como prêmio” (SIMIONATO, 2008, p. 229).

Conforme nos relatam alguns pioneiros, a maior diversão era nos finais de semana, ou mesmo nos fins de tarde, quando lotavam seus carroções de familiares e vizinhos e iam até o Bosque (onde hoje está

localizada a Catedral) para conversas e também para chuparem guabirobas, fruta muito saborosa, encontrada fartamente na região naquela época (SIMIONATO, 2008, p. 229-230).

Após seis décadas tal área se encontra na parte central de Campo Mourão e é uma das áreas verdes mais frequentadas da cidade. O local abriga duas praças, a Praça Getúlio Vargas e Praça São José, sendo que nesta última encontra-se a Catedral São José (Figura 4).



Figura 4: Vista das praças Getúlio Vargas e São José 2005

Fonte: Acervo – Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira (2011).

Os cidadãos mourãoenses, ao longo dos tempos, vêm utilizando os espaços públicos da cidade para passar horas de lazer, mas com o crescimento a cidade demanda novos espaços públicos para usufruto da comunidade em geral.

O Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira foi projetado pelo engenheiro Feiz Farhat. Inicialmente era conhecido como “Bosque Municipal”, mas por força da Lei Municipal N.º 568, de 1987 passou a ser oficialmente denominado Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira, em homenagem ao esse ex-prefeito, que governou o município em 1951, e no final da década de 1970 implantou um loteamento na cidade ao qual emprestou seu próprio nome.

O Parque Joaquim Teodoro de Oliveira foi inaugurado oficialmente em 01/05/1971, e a partir de então se tornou um espaço altamente significativo para a sociedade mourãoense, servindo como a principal área recreativa pública da cidade. Esse parque é uma área verde urbana importante para a cidade, sendo hoje considerada um de seus cartões de visita (Figuras 5 e 6).



Figura 5: Entrada Interna do Parque.

Foto: Denner Conrado, 12 julho de 2010.

O Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira, que é uma unidade de conservação de proteção integral², é também uma tradicional área verde urbana de uso intenso. Essa sua condição de área verde urbana se caracteriza por proporcionar à sociedade mourãoense um espaço destinado ao lazer e à recreação e ao mesmo tempo propiciar momentos de contato com a natureza. A vegetação do parque é nativa, embora ao longo dos caminhos internos tenham sido introduzidas algumas espécies exóticas. Vale considerar que o verde desse espaço pertence ao bioma Mata Atlântica.



Figura 6: Vista parcial do parque.

Foto: Denner Conrado, 23 maio de 2010.

² Lei federal 9.985/2000.

De 1950 até a atualidade o espaço urbano de Campo Mourão sofreu inúmeras transformações, e foi nos anos de 1960 e 1970 que a cidade passou a contar com um novo espaço de lazer, devido aos projetos de construção da Catedral São José e das praças circunjacentes. A antiga “raia dos porungos” se tornou desde então uma das mais importantes áreas verdes da cidade e com isso o antigo Bosque Municipal mereceu a atenção dos cidadãos daquela época. Nos primeiros tempos a área contava com uma boa infraestrutura e equipamentos como churrasqueiras, mesas, quiosques, pista de dança ao ar livre, entre outros. Com o crescimento demográfico da cidade, alguns equipamentos foram sendo removidos e em seu lugar foram implantados novos padrões de recreação e lazer.

O Bosque³ situa-se nas imediações da Avenida Santa Catarina, à qual ele tem acesso por uma pequena faixa de vegetação, que foi roçada de maneira a permanecerem todas as árvores significativas. Nessa faixa foi plantada grama e feita uma trilha revestida de pedra britada. No final da década de 1970, com a implantação do Projeto Cura⁴ na cidade de Campo Mourão, a área do Bosque foi ampliada e incluída uma faixa de terras à margem esquerda do Rio do Campo, dando continuidade à área já existente. Essa faixa descampada e coberta de vegetação rasteira faz limite com o loteamento Joaquim Teodoro de Oliveira, no prolongamento da rodovia BR 272.

Segundo Fest (2005, p. 34), “[...] a efetivação do Programa Cura se deu após 1974 e foi operado junto às Prefeituras Municipais de 136 municípios brasileiros”, sendo assim definida a abrangência inicial desse programa. Conforme o mesmo autor, o objetivo básico do Projeto Cura era provocar, por meio de investimentos, a reativação acelerada da ocupação da terra urbana e simultaneamente a melhoria dos serviços de apoio e dos equipamentos urbanos. Ademais,

O projeto cura era apresentado como um estudo pioneiro e inovador, suscetível de ajustes e correções. A uma elaborada pesquisa inicial, deveriam seguir-se a montagem de um quadro de proposições para recuperar a área e um quadro operacional para a implantação do projeto. O estudo identificou a necessidade de induzir um processo de ocupação, tendo como instrumento o imposto territorial progressivo aplicado aos lotes ociosos (FEST, 2005, p. 34).

Pelas palavras do urbanista Campos Fest (2005) fica claro que o objetivo principal do Programa Cura era a ocupação de lotes urbanos ociosos nos vários

³ A falta de imagens da época dificulta a visualização deste espaço, mas as palavras nos fornecem uma noção de então sobre o futuro Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira.

⁴ O Programa Cura - Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada - foi um dos programas do Banco Nacional de Habitação (BNH) desenvolvido em território nacional a partir de 1975 pela Carteira de Desenvolvimento Urbano da mesma entidade, tornando-se mais frequente após 1976.

municípios por ele atendidos. No que diz respeito à cidade de Campo Mourão, podemos tecer algumas considerações quanto a este quadro. O Plano Diretor Municipal (2007) aponta que durante a década de 1970 a cidade se expandiu, sobretudo, na direção sul, onde ficava localizado o loteamento Joaquim Teodoro de Oliveira.

O Plano Diretor Municipal de Campo Mourão (2007) ainda aponta que em 1980 (Figura 7) a cidade possuía 49.339 habitantes na zona urbana, o que corresponde a um crescimento de 40% em relação à década de 1960 (Figura 08). Acredita-se que o aumento demográfico da cidade foi influenciado primeiramente pela efetivação do Programa Cura no espaço urbano de Campo Mourão, especialmente nas áreas que não possuíam um grau de urbanização expressivo, como é o caso da nossa área de estudo.



Figura 7: Campo Mourão em 1980.

Fonte: Agenda 21.

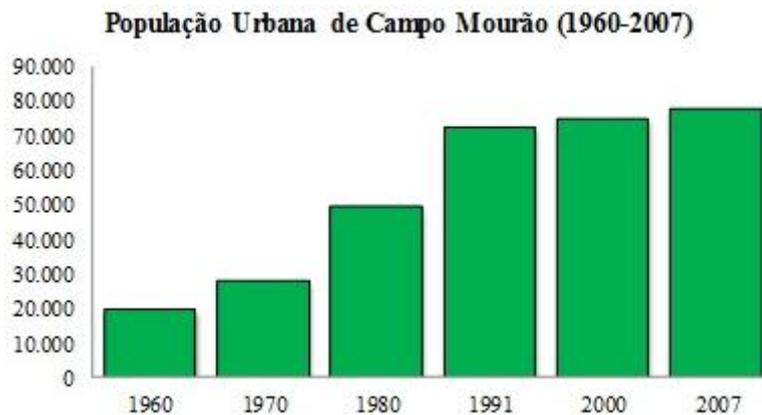


Figura 8: Campo Mourão em 1963.

Fonte: Agenda 21.

A evolução da população urbana de Campo Mourão neste contexto está representada no gráfico a seguir. Em fins da década de 1970, quando se deu a implantação do Programa Cura de recuperação urbana, a população urbana de Campo Mourão avançou 68% até a década de 1991, como aponta o gráfico.

Segundo documentos do Museu Deolindo Mendes Pereira, no Projeto Cura estava incluído o plano de represamento do Rio do Campo para formar o lago hoje existente entre as duas áreas do Bosque, o qual iria se tornar uma das grandes atrações do parque.



Org. Denner Conrado, 2010.

Fonte: Censos do IBGE.

O Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira se tornou, desde então, uma das grandes atrações da vida cidadina mourãoense e uma área do mais alto significado para as relações sociais dos moradores da cidade, além de propiciar vários benefícios ao contexto urbano já supramencionado.

Desde sua implantação o Parque Joaquim Teodoro de Oliveira foi se adequando às necessidades e aspirações da população, tendo passado por inúmeras inovações em sua estrutura. Teve e tem papel importante na produção do espaço urbano de Campo Mourão, assumindo assim várias funções no contexto da cidade. Não obstante, em determinados momentos de sua história o parque caiu no esquecimento e fugiu à memória dos cidadãos que um dia cruzaram seu espaço.

Loboda e De Angelis (2005) afirmam que,

[...] nessa relação desigual/e ou combinada da contraposição entre questões socioambientais e econômicas, em que, de modo geral esta última se sobressai, geralmente fica aquilo que é público em segundo plano ou ainda considerado como problema. Os projetos de construção, intervenção ou reabilitação das áreas verdes públicas de um modo geral veem-se constantemente envolvidos em polêmicas que somente agravam sua penúria. A tendência é que, se não tomarmos uma providência no que diz respeito à reabilitação dessas áreas, não somente suas estruturas físicas, mas, sobretudo, suas funções sociais, geoambientais e estéticas, os únicos espaços de uso coletivo tendem a ser cada vez mais privados – *shoppings centers*, condomínios residenciais, edifícios polifuncionais – e não as nossas praças, parques e vias (LOBODA e DE ANGELIS, 2005, p. 131).

Os autores enfatizam o descaso público para com as áreas verdes urbanas e à ínfima importância social a elas atribuída. Seu forte alerta é fundamental pelo fato de que as áreas verdes, em especial os parques urbanos, passaram por momentos difíceis ao longo da história, e muitos parques urbanos deixam mesmo de existir, abrindo irreparáveis lacunas no que diz respeito à dinâmica social no contexto urbano.

Todas as áreas verdes urbanas são usadas como a “primeira imagem” de uma cidade, e em Campo Mourão o mesmo acontece em relação ao Parque Joaquim Teodoro de Oliveira.

A discussão a respeito da produção da imagem da cidade não é algo inaudito, muito pelo contrário, hoje a “promoção” e as inúmeras “intenções” das imagens que representam as cidades estão materializadas em diversos contextos urbanos. De fato, para podermos elaborar a imagem de uma cidade “é necessário fazer uma espécie de investigação referente às diversas formas de representação do espaço geográfico” [...] a imagem é constituída por representações individuais ou de grupos, pois nada é igual na cidade [...] (BOVO, 2009, p. 96). Neste sentido, afirmamos que a imagem da cidade de Campo Mourão é alicerçada, sobretudo no Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira.

Neste contexto incerto, entendemos que

Os processos simbólicos envolvidos na produção da imagem da cidade estão cada vez mais centrados no “meio” e não no “sujeito”. A construção da imagem da cidade constitui um processo social de planejamento do Estado em favor dos agentes de mercado (BOVO, 2009, p. 87).

Corroborando tal ideia, reafirmamos a lógica dos agentes do mercado imobiliário, pois na área adjacente ao parque (Figura 9) está sendo promovida a implantação de um loteamento urbano denominado “Jardim Residencial do Lago”⁵, o que valoriza essa área e, conseqüentemente, “a imagem da cidade”.



Figura 9: Futuro Jd. Residencial do Lago, a esquerda está o Parque.

Foto: Denner Conrado, 24 de julho de 2010.

⁵ O investidor responsável por este novo loteamento é o pioneiro da cidade João Teodoro de Oliveira Sobrinho. O loteamento terá 53 mil metros quadrados. “Será um dos locais mais aprazíveis de Campo Mourão”, segundo o investidor.

A figura 10 é de um panfleto a respeito dos espaços a serem visitados pelos eventuais turistas que por aqui passam.

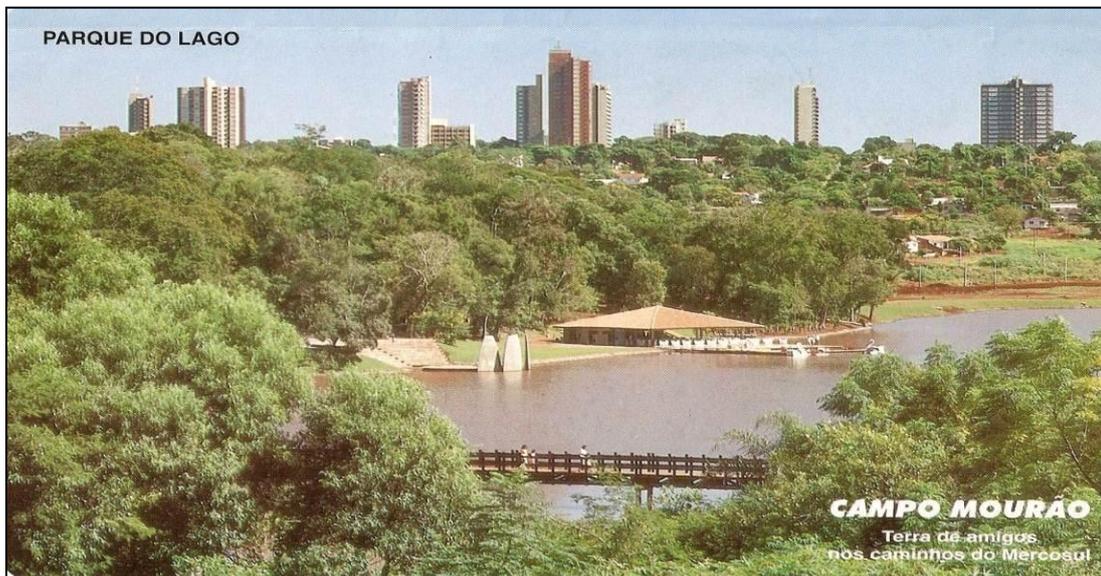


Figura 10: Panfleto turístico da cidade de Campo Mourão/PR - 1995.

Fonte: Acervo – Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira.

O “Parque do Lago”, como é conhecido entre seus frequentadores, por muitos anos foi “usado” como “imagem primeira” da cidade, e continua a ter ainda hoje o mesmo rótulo.

Um dos cartões de visita do Município e ponto de encontro da comunidade. Tem pista de Cooper para caminhadas, que passa pela mata, lanchonete, cancha de areia, estufas, orquidário, Jardim Francês, equipamentos de ginástica, e um lago com várias espécies de peixes, pedalinhos e caiaques. Se constituindo um grande atrativo para turistas e quem deseja ter momentos agradáveis de lazer junto à natureza⁶. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO MOURÃO, 2010).

“Campo Mourão – Terra de amigos nos caminhos do MERCOSUL” é a frase de destaque neste panfleto, destacando assim a privilegiada posição geográfica da cidade em relação aos territórios do bloco econômico, e ao mesmo tempo se aproveita o mesmo panfleto para divulgar a imagem da cidade, tomando-se o parque como símbolo de sua beleza. O parque ocupou e ocupa lugar “especial” na promoção da imagem da cidade, haja vista que tal espaço já faz parte da história e da memória dos cidadãos mourãoenses.

⁶ Informação disponível no seguinte endereço eletrônico da Prefeitura Municipal de Campo Mourão: <http://www.campomourao.pr.gov.br/seama/parques.php>

Podemos afirmar que a cada período de governança política o parque sofreu alterações substantivas, ou até mesmo ficou no “esquecimento”, e com transformações no espaço urbano o parque assumiu formas e agregou inúmeras funções. A figura abaixo mostra um cartão postal do “Parque do Lago” associado a sua completa reformulação interna (Figura 11).



Figura 11: Cartão postal do Parque Joaquim Teodoro de Oliveira - 1996.

As funções do “Parque do Lago” se constituíram ao longo do tempo no contexto urbano de Campo Mourão e vêm assumindo novas configurações conforme a dinâmica espacial do parque. Podemos perceber que o discurso e a imagem que foi transmitida do Parque Joaquim Teodoro de Oliveira em determinados momentos da história não conferem com a realidade atual (Figuras 12 e 13).



Figura 12: Jardim Francês no Parque.
Fonte: Acervo - Museu Deolindo Mendes Pereira.



Figura 13: Jardim Francês no Parque.
Foto: Denner Conrado, 12 de julho de 2010.

A dinâmica que se verificou e se verifica no interior do parque é um fenômeno que ao longo do tempo se modificou no que diz respeito ao uso de seus equipamentos e à transformação da paisagem (Figuras 14 e 15). A concha acústica existente no parque nos demonstra tal ideia em momentos distintos, visto que no segundo semestre de 2008 o parque “sofreu” com o assoreamento de seu lago, problema que se estendeu por mais de um ano.



Figura 14: Apresentação artística na concha acústica. **Figura 15:** Concha acústica.

Foto: Denner Conrado 2010.



Foto: Denner Conrado 2009.

Segundo a concepção Santos (2008), à medida que a sociedade sofre transformações as formas assumem novas funções, e como as formas podem deter uma ou mais funções, acreditamos que o Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira no contexto das transformações urbanas ocorridas na cidade de Campo Mourão/PR se adequou às inúmeras funções demandadas pela sociedade durante as transformações do espaço urbano de Campo Mourão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que os parques urbanos - em nosso caso o Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira - assumem papéis importantes nas relações sociais estabelecidas nesses espaços, e que essas áreas verdes atuam como espaços legitimadores de inúmeras transformações urbanas.

Outro ponto desta pesquisa que consideramos fundamental no contexto do crescimento urbano – geralmente desordenado - são os diversos benefícios que os parques urbanos públicos propiciam no contexto das cidades brasileiras, pois tais espaços verdes não apenas contribuem para o ecossistema, mas também trazem benefícios sociais.

As áreas verdes materializadas em parques urbanos assumem papéis distintos para cada indivíduo, pois cada cidadão possui sua própria percepção do verde urbano e cria novas perspectivas no sentido de preservar a natureza, pois fazemos parte dela.

Os parques urbanos, ou seja, as áreas verdes situadas no contexto das cidades, por sua importância na promoção do bem-estar da população, deveriam receber maior atenção por parte das administrações locais; entretanto podemos constatar que eles não parecem muito relevantes para os administradores municipais, fato que se observa não somente em nosso caso, mas também em contextos mostrados em outras pesquisas.

O Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira tem sido moldado ao longo do tempo pela ação do homem, criando e recriando espaços com múltiplas funções e usos. É também um espaço que estimulou e estimula inúmeras transformações urbanas no contexto da cidade de Campo Mourão.

Enfim, acreditamos que este primeiro ensaio demonstrou um pouco da importância das áreas verdes urbanas e as incontáveis transformações por que passaram e passam esses espaços na vida das cidades.

O Parque Joaquim Teodoro de Oliveira deve ser tratado pelos cidadãos como um espaço para a cidade e não um local que não possua “sincronia” com a dinâmica socioespacial; ou seja, ele é parte integrante da paisagem urbana morãoense. Acreditamos também que, para que esse espaço seja devidamente valorizado, é necessário preservar sua memória, pois assim podemos reconstruir os espaços e compreender sua importância para uso da sociedade.

REFERÊNCIAS

BOVO, M. C. Áreas Verdes Urbanas, Imagem e Uso: Um Estudo Geográfico sobre a Cidade de Maringá/PR. Tese (Doutorado em Geografia - Produção do Espaço Geográfico) Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente, 2009.

CAMPO MOURÃO. Prefeitura Municipal de Campo Mourão. Disponível em <www.campomourao.pr.gov.br> Acesso em: 01 fev. 2010.

CAMPO MOURÃO, P.M. **Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira**. Campo Mourão/PR, 2009.

CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. B. **Espaços Livres do Recife**. Recife: Prefeitura da cidade de Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CAVALHEIRO, F.; DELL PICCHIA, P. C. D. Áreas Verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento. In: Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana. **Anais...** Vol. I: Vitória, 1992.

LOBODA C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: Conceitos, usos e funções. **Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, Guarapuava, v. 1, n. 1, jan/jun. 2005. Disponível em: <http://www.unicentro.br/EDITORIA/REVISTAS/AMBIENCIA/v1n1/artigo%20125-139_.pdf> Acesso em: 02 set. 2009.

FEST, F. D. de C. **Projeto Cura - Complementação Urbana e Mudanças Espaciais**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo - Programa de Pós Graduação em Urbanismo) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2005.

GUZZO, P. **Estudo dos Espaços Livres de Uso Público e da Cobertura Vegetal em Área Urbana da Cidade de Ribeirão Preto/SP**. Dissertação (Mestrado em Geociências - Geociências e Meio Ambiente) Universidade Estadual Paulista - Campus de Rio Claro, 1999.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 05 fev. 2010.

LIMA, A. M. L. P *et al.* Problemas na utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: Congresso Brasileiro de Arborização Urbana. São Luís. **Anais...**São Luís: Imprensa Emater/MA, 1994.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2003.

MELAZO, G. C.; COLESANTI, M. T. M. Parques Urbanos: Importantes “espaços verdes” na dinâmica ambiental das cidades In: **II Simpósio Regional de Geografia “Perspectivas para o cerrado no século XXI”**, Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, nov. 2003.

NUCCI, J. C. **Qualidade Ambiental e Adensamento Urbano**. São Paulo: Humanistas/FFLCH-USP, 2001.

PAROLIN, Eloísa Silva de Paula; PAROLIN, Mauro. Vidas mutiladas: Reflexões sobre a degradação ambiental do Parque do Lago em Campo Mourão/PR. **I Simpósio de Estudos Urbanos: Desenvolvimento Regional e Dinâmica Ambiental**, Fecilcam, Campo Mourão/PR, 2011.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp. 2008.

SCALISE, W. Parques Urbanos – Evolução, Projeto, Funções e Usos. **Revista Assentamentos Humanos**, Marília, v. 4, n. 1, p.17-24, 2002. Disponível em: < http://www.unimar.br/feat/assent_humano4/parques.htm>. Acesso em: 15 dez. 2009.

SIMIONATO, E. C. **Campo Mourão – Sua gente... Sua história**. Campo Mourão: Kromoset, 2008.

Recebido em: 27/12/2011.

Aceito para publicação em: 11/06/2012.